



Corpos em análise♦

Marcus André Vieira

Publicado exclusivamente no site Litura.

0

De que modo o corpo entra no jogo analítico? Qual a diferença entre o corpo do analisante e o do analista? O que muda *online*?

É o que vamos abordar, aqui, e isso a partir do amor transferencial, espaço específico em que um amor muito especial preside as relações.

Como sempre, o melhor é percorrer um certo número de casos, como faremos, para afirmar o que quer que seja com alguma segurança. Nem tanto para generalizações, sempre meio abusivas, mas para explicitar e trocar com outros as ideias que vamos acumulando ao longo de nossa prática. É o valor essencial de nossas Jornadas e Encontros.

É fundamental ouvir, um a um, relatos de encontros de um analisando com um analista ou, melhor, com a *função analista*. A expressão sintetiza uma das orientações estruturais maiores de Lacan: o fato de que o lugar ocupado por um analista conta mais do que a pessoa que o ocupa.

Para que não se pense que nada do analista conta, Lacan destaca que o essencial para o exercício dessa função é que se possa sustentá-la a partir de um desejo. Além “do” ou “dos” lugares ocupados pelo analista, nas variadas séries psíquicas do analisante, conta seu desejo.

O analista pode até se oferecer como uma tela em branco, onde se projetarão os personagens da fantasia do analisante, mas o que põe em movimento esse cinema assim como a dança das cadeiras que esses personagens efetuarão em análise é o que Lacan chamou de *desejo do analista*.

I

É um desejo muito particular, intransitivo, o desejo de alguém que nada quer especificamente, mas ainda assim quer. Ele quer, apenas, digamos, analisar, quer que o analisante passe por experiência semelhante àquela que mudou sua vida (do analista), a experiência do inconsciente como motor de mudanças. Não é garantido que aquele que recebe seu analisante possa desejar assim, todo o tempo, mas basta que esse desejo se apresente, aqui e ali, em uma análise, para fazer a análise andar. Há também o corpo que encarna essa função. O analista tem corpo. No entanto, dada a proeminência da função, “tela em branco”, que ocupa, de um lado e do “desejo sem demanda”, de outro, seu corpo é mais presença que forma. Dito de outra maneira, o corpo do analista, por sustentar um desejo sem forma, encarna uma presença indefinida e por isso mesmo *estranha*.

Há ainda outro corpo na sessão, daquele que vem nos falar. Este, pelo menos a princípio, tem forma. É o corpo do espelho, de todo dia, com o qual nos levantamos e

tomamos o café da manhã com a família; e esse corpo com que o analisante chega na análise e é exatamente esse seu corpo que o analista tenta deixar de fora a cada sessão.¹

Costumo receber candidatos à análise na dúvida se deveriam procurar um tratamento menos “cabeça”, uma massoterapia, por exemplo. Essa demanda contraditória parte do princípio de que a psicanálise, por conta do divã, tiraria o corpo de cena, deixando-nos entregues a um exercício meramente abstrato, “teórico”. É bem verdade que o corpo parece colocado fora de cena, estendido no divã. Será mesmo? Não é possível apagar o corpo, nem com o uso do divã, nem mesmo nos atendimentos *online*. Tirar seu protagonismo não é eliminá-lo, ao contrário, perde-se o corpo de todo dia, o que se vê no espelho a cada manhã, mas ganha-se a presença do que somos para além de nossas formas.

II

Essa presença não é única, mas múltipla. Diremos, assim, *os corpos* e não *o corpo*. O plural é interessante. Fazemos tudo para que cada análise seja única, ou seja, lidamos com um corpo a cada vez, mas não é verdade que cada analisando tenha apenas um corpo. Muitos estão presentes, a mãe, pai, irmãos e outros.

O corpo nosso de cada dia resulta da chuva de desejos que caiu sobre a criança que fomos um dia, constituindo sua história. É o resultado do encontro da vida que nos habita (a urgência da vida, segundo Freud, uma pressão sem forma), com essa chuva de corpos e desejos, que a partir de Lacan reunimos sob o termo *Outro*, com maiúscula.

Seguiremos a intervenção precisa da analista que localiza para uma analisanda obesa o modo como ela se via como carregando dentro si muitos outros.

Dessa forma, os corpos em análise distribuem-se do seguinte modo: De um lado, estes tantos corpos que vêm à sessão junto com o analisante e, de outro, esse estranho corpo, que é mais presença que corpo, do desejo do analista.

Esse modo de presença é essencial - seja em uma sessão presencial ou *online*, pela janela do computador ou não. É porque ela funciona como imã de nossa própria estranheza. De fato, conversas com o vizinho no metrô, com pretendentes em uma festa, são sempre um pouco pré-codificadas e nos exigem trazermos à tona apenas o que já esteja mais ou menos autorizado. É o que um menino ensina, fazendo sua analista brincar com o escuro, sem tela, apenas a voz, para poder fazer o trabalho analítico online.

A presença estranha do desejo do analista, deixa em aberto o que diremos e permite que se apresente bem mais do que esperávamos. São histórias estranhas, de corpos que não ficam bem amarrados a uma só história. Diferentemente do corpo do café da manhã em família, ouviremos aqui sobre um corpo que apanha, outro é cortado, outro come demais, busca-se o sangue, o vômito, a violência, esportes radicais, sempre tendo como base muita violência disfarçada na vida de família.

Com tantos corpos, ter ou não ter um corpo para chamar de seu, é o que mais se apresenta, dadas as tantas declinações sobre como ter um corpo e como fazer um corpo. É essencial, porque é exatamente por isso que podemos ter a ambição de refazer nosso corpo ao mesmo tempo em que refazemos nossa história, em uma análise.

III

O que ocorre de forma mais ou menos controlada em uma análise, porém, hoje está no horizonte da época. É que a forma clássica, familiar, de fazer corpo, organizada pelo Nome do pai, não garante mais uma forma padronizada conjugação entre a pressão da vida e os objetos que vão lhe dar nome e endereço.

É mais que patente no campo da sexualidade. Quando o sexo deixa de ser o ponto de encontro relativamente estável entre o desejo e o prazer, torna-se muitas vezes o lugar de uma angústia generalizada.

A angústia, que sempre esteve em torno do sexual, agora vem mais maciça. É porque não há mais, entre desejo e gozo um vazio, um ponto cego. É exatamente quando essa falta falta que se situa a angústia (como vocês sabem, Lacan situa a angústia exatamente entre desejo e gozo).

É o que faz a fortuna dos *Otakus*, daqueles fora do sexo, de todos que hoje buscam a rejeição do sexo para ter um corpo. Bem como experiências radicais do corpo. Neste ponto, um objeto, uma ferida, uma tatuagem, às vezes são cruciais.

É o que a análise vai extrair, ou melhor, isolar, isolando alguma exterioridade estável para o gozo do corpo, uma moldura para o que transborda, e que às vezes uma criança que transborda de sua família, que sai em fuga, ou é tomada pelos adultos como um objeto de prazer.

IV

Para isolar com precisão, porém, o ponto de encontro entre um analista e o corpo do analisante, é preciso acrescentar à discussão o gozo, dito por Lacan, feminino.

A presença do analista é orientada pelo gozo feminino. Sim, porque uma análise geralmente é concebida como uma direção para o feminino. Isso se entendermos o gozo feminino como aquilo que não está no corpo, ou melhor, é sem ser, apenas sendo. A diferença entre ser e estar em português é boa, é a diferença entre essência e existência (ou a ex-sistência de um corpo).

Lembro que os grandes movimentos na cultura em relação à mulher nos ensinam sobre como ela trata esse gozo. E hoje, sabemos como visa-se matá-la, mas por outro lado como se sobressaem movimentos de resistência, seja pelas mulheres, seja pelos queer. São formas de dar um destino ao gozo feminino que se apresenta como alteridade radical, como radicalmente Outro gozo.

É exatamente o gozo que o analista convoca para reconfigurar, refazer o corpo do analisando. É isso que está em jogo com o que chamamos de *sinthome*. O sintoma não é apenas o elo entre um desejo consciente e um inconsciente (à maneira do sintoma freudiano). Mas em sua radicalidade, quando vamos depurando esses desejos, e buscando seu fundamento para além das interdições e proibições e vergonhas de cada uma, é um elo entre um desejo (gozo fálico) e um gozo *nãotodo*.

V

Para concluir: isso não nos abre a uma política do sintoma? Nossa clínica estabelece uma política, que pode ser derivada dos nossos casos. Ela pode ser declarada assim: Não ceder.

Não ceder. É o que fez cada analista que teve aqui a generosidade de nos apresentar seus casos. Seu fazer com o Outro gozo.

Não ceder às armadilhas de uma civilização que quer consertar esse gozo opaco do *sinthoma*, da vida que não cabe na vida, que quer subjugar-la, consertá-la, torná-la mercadoria.

Ou ainda, fazer do gozo existente que nos habita o desejo de um eu no comando. No um-dividualismo contemporâneo (como diz Miller).

Um eu que se acredita dono de seu corpo.

Quando, para nós, não é o corpo que conta, mas, nos vários corpos que somos, o gozo que não se conta, exatamente o que nos liga com a vida e com os outros da vida.

♦ Para a abertura da manhã clínica “O novo no amor - Presença e Ausência dos Corpos”, do X Enapol (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana), os fragmentos clínicos a que o texto faz referência, foram apresentados e debatidos no evento.

¹ Cf. Lacan, J (1949). O Estádio do espelho como formador da função do eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

E Vieira, M. A. “O café e o falante”, Revista Cult, n. 211, São Paulo, 2016.